

Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: Uma origem, dois percursos

Resumo da conferência proferida pelo Doutor Karl Gerhard Seibert na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2 de Dezembro de 2008)

José Domingos Costa

Estudante da Licenciatura em Estudos Africanos
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
E-mail: josedomcosta@yahoo.com

Decorrente da actividade lectiva da cadeira de Cooperação e Desenvolvimento em África, englobada no curso de Estudos Africanos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o Doutor Karl Gerhard Seibert proferiu, na qualidade de conferencista convidado, no dia 2 do corrente mês de Dezembro, nas instalações daquela Faculdade, uma palestra que designou por “Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: Convergências e divergências de duas sociedades crioulas insulares”. Nela viria a sustentar, através das indicações preliminares de um estudo ainda em execução, que compartilhou com os presentes, que as estruturas económicas, sociais e políticas que se criaram em ambos os territórios insulares durante o período em que foram colónias portuguesas poderão ter sido determinantes para o actual estágio de desenvolvimento das sociedades cabo-verdiana e são-tomense.

Gerhard Seibert, licenciado em Antropologia Cultural pela Universidade de Utreque, Holanda, e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade de Leiden, também na Holanda, desenvolve actualmente a sua actividade como investigador no Centro de Estudos Africanos do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE, Universidade de Lisboa). Para além de docente, consultor e participante em projectos, é um preocupado estudioso da realidade da África lusófona, facto atestado através de inúmeros trabalhos já realizados ou em constante elaboração ou actualização, de entre os quais poderá ser destacada a sua obra de maior fôlego e de maior repercussão pública até ao momento, que constituiu a sua tese de doutoramento: *Comrades, Clients and Cousins. Colonialism, Socialism and Democratization in São Tomé and Príncipe*, cuja edição em português foi

publicada em 2002 com o título *Camaradas, Clientes e Compadres. Colonialismo, Socialismo e Democratização em São Tomé e Príncipe*. Destaque-se ainda a sua tese de licenciatura, defendida em 1991, cujo título *The Post-colonial State in São Tomé and Príncipe* deixava patente, de forma já clara, o seu interesse pela temática dos Estados africanos de colonização portuguesa, com São Tomé e Príncipe a emergir antes de mais nenhum outro.

Resumo da conferência

Países insulares, colonização portuguesa, sociedades crioulas, independências com apenas 1 semana de diferença (Julho de 1975), eleições democráticas em Janeiro de 1991, sistemas políticos idênticos, estes foram alguns dos dados comuns aos dois países alvo da análise com que o conferencista começou por enquadrar a sua intervenção. Após fornecer elementos relativos às posições que quer Cabo Verde quer São Tomé e Príncipe ocupam nos *rankings* internacionais de alguns dos principais indicadores de desenvolvimento, Seibert historiou aqueles que, em seu entender, constituem os principais aspectos em que as sociedades destes dois territórios atlânticos desabitados à altura da descoberta portuguesa foram convergindo ao longo dos longos anos de colonização.

Começando por destacar o papel que ambos os arquipélagos desempenharam como entrepostos de escravos, assim como aquele que a utilização deste tipo de mão-de-obra teve como elemento de trabalho e importante factor de geração de riqueza, Gerhard Seibert não deixou também de se referir ao processo de mestiçagem que também aí ocorreu, tal como a duas das principais consequências do mesmo: o natural acesso, já no século XVI, de mulatos a cargos públicos, tal como a inevitável emergência de sociedades e línguas crioulas.

De seguida, o orador centraria a sua intervenção em determinadas divergências existentes entre aqueles territórios, quer naturais, quer a nível das distintas dinâmicas coloniais que, essas sim, e a seu ver, poderão ter tido influência decisiva no perfil económico, social e político que viria a perdurar até aos nossos dias.

Neste sentido, foram focadas claras discrepâncias a nível climático e da estrutura económica — com Cabo Verde a basear durante muito tempo o essencial da sua actividade no tráfico de escravos, enquanto que São Tomé e Príncipe viu na plantação da cana-de-açúcar o principal factor para o seu desenvolvimento. Por outro lado, enquanto Cabo Verde utilizou o algodão e, de forma incipiente (porque nem clima nem terra eram propícios a isso), a cana sacarina como fonte suplementar de rendimentos, o arquipélago do Golfo da Guiné começou por apostar na cultura intensiva da cana-de-açúcar, evoluindo a partir da

“segunda colonização” (meados do século XIX) para a introdução do café e, logo a seguir, apostando na monocultura do cacau como sustentáculo da sua economia.

Referiu-se ainda Gerhard Seibert às diferenças históricas existentes quanto à utilização da mão-de-obra escrava nos dois territórios: enquanto que em Cabo Verde a utilização de escravos era quase restrita à vida doméstica, em São Tomé e Príncipe estes constituíam, como sustentou, um factor de produção decisivo nas plantações de cana, sendo sujeitos a condições de trabalho muito mais inumanas e degradantes. Estas conduziram, frequentemente, a situações de revolta em São Tomé (por vezes incontrolláveis), tal como ao estabelecimento daquilo que se designou por Quilombo, ou seja, o povoamento do interior do território por escravos auto-libertados, facto que funcionou como factor determinante na constituição do léxico do seu crioulo, o angolár.

Naquilo que poderemos considerar como uma revisitação aos factores históricos que determinaram, de forma indelével, as identidades de cada uma destas ex-colónias portuguesas, Gerhard Seibert continuou a enumerar algumas das características que fizeram com que Cabo Verde e São Tomé e Príncipe viessem a trilhar caminhos diferentes num processo em que os factores que lhes são exteriores marcaram decisivamente o ritmo e a natureza da mudança.

Assim, enquanto que a população escrava de Cabo Verde tinha origem nas costas da Guiné, a de São Tomé provinha predominantemente do Gabão, Nigéria, Benim e Angola. Por outro lado, em Cabo Verde, dada a proximidade da Europa e muito menor incidência das doenças tropicais que em São Tomé e Príncipe, sempre houve maior número de brancos o que, com uma natural miscigenação, foi factor de muito maior e mais rápida mulatização da sua população. Esta questão, acrescentou Seibert, viria a acentuar-se com a perda do monopólio do tráfico de escravos.

Em São Tomé, por seu turno, o baixo número de população branca foi sempre uma constante e a “recolonização” do território, processada por alturas do advento da monocultura do café e da introdução da cultura do cacau que se lhe seguiu, foi feita à custa de mão-de-obra escrava, primeiro, e, depois da abolição da escravatura em 1875, com recurso à vinda de Angola, Moçambique e Cabo Verde de milhares de contratados — que por volta de 1940 ultrapassavam já a população local. De meados do século XVII até 1800 decorreu um processo a que Gerhard Seibert chamou de uma “re-africanização” da população santomense, facto que se tornará visível até nas questões lexicais, com a constatação de uma incidência de 10% do léxico proveniente das línguas africanas nos crioulos de São Tomé e Príncipe, contra apenas 1% no crioulo falado em Cabo Verde.

No momento de se referirem os números relativos à educação e à emancipação progressiva de cada um dos povos em análise, tornou-se perceptível para a assistência e decisiva influência que quer a proximidade geográfica de Cabo Verde em relação a Portugal e à Europa, quer a forte mulatização dos seus habitantes, tiveram – como sustentou Seibert – na definição da especificidade cultural da sociedade cabo-verdiana e na educação dos seus filhos.

Se, por exemplo, compararmos os dados relativos ao número de alunos em datas próximas, verifica-se que em 1874 existiam 45 escolas primárias em funcionamento e 2000 alunos inscritos em Cabo Verde, contra 389 alunos registados, quatro anos depois, em São Tomé e Príncipe. Sinal igualmente sintomático das acentuadas diferenças entre ambos os territórios neste plano é dado pelo facto de o primeiro liceu de São Tomé ter aberto as suas portas só em 1952, enquanto que o correspondente em Cabo Verde já o tinha feito quase um século antes, em S. Nicolau, no ano de 1866.

Depois de ter afirmado que, segundo a sua óptica, se poderia considerar o cabo-verdiano como um crioulo e o são-tomense como um africano, o conferencista passou a sintetizar as principais conclusões do seu estudo, defendendo que a posição geográfica de cada um dos dois arquipélagos, as diferenças climáticas e a maior ou menor presença de europeus foram factores que condicionaram e tornaram diferentes as respectivas economias. Em Cabo Verde, por um lado, um menor número de escravos e uma maior miscigenação operada após a abolição do sistema escravagista resultou na afirmação de uma sociedade crioula, enquanto que em São Tomé e Príncipe o facto de ter havido uma “segunda colonização” foi circunstância impeditiva de uma tal consolidação, conduzindo a uma pronunciada estratificação da sociedade deste arquipélago.

Gerhard Seibert rematou a sua exposição afirmando ter sido a educação um dos pilares da afirmação da sociedade crioula em Cabo Verde e, a par da emigração, o potenciador de um capital cultural diversificado que se foi consolidando após a independência. Em contrapartida, como também notou, a conotação de crioulo com mestiço levou, em São Tomé e Príncipe, à assunção de uma africanidade plena.

Lisboa, Dezembro de 2008